

# *Congresso Brasileiro de Inovação da Indústria*

## *São Paulo, 13 e 14 de maio de 2015*

---

### ***INOVAR É FAZER***

#### ***Manifesto da MEI ao Fortalecimento da Inovação no Brasil***

Para nós empresários **Inovar é Fazer** diferente, Inovar é fazer o novo, Inovar é fazer o valor surgir de algo inesperado, fazer o impossível se tornar possível, fazer a incerteza dar lugar à confiança, fazer a revolução dos hábitos e das percepções, fazer a diferença no mercado, no desenvolvimento do país. Nós empresários precisamos tomar esta agenda como nossa agenda, nosso compromisso com a sustentabilidade de nossos negócios. A inovação interessa às empresas, pois é um imperativo à sua sobrevivência, à sua posição no mercado.

O desenvolvimento econômico e social do Brasil exige a determinação de explorar novas opções. O nosso objetivo deve ser a construção de um país dinâmico, eficiente, competitivo e sustentável. O desafio é sermos mais competitivos e não há outra estratégia além da inovação e da capacidade de converter ideias em valor.

Pesquisa recente feita pela CNI, com 100 líderes empresariais de grandes, médias e pequenas empresas mostra que mais de 60% dos respondentes percebem o grau de inovação no Brasil como baixo. Dentre os principais motivos listados para essa baixa percepção, além da burocracia e excessiva regulamentação listada por 30% das respostas, chama a atenção a cultura incipiente de inovação nas empresas listada por 29% dos líderes entrevistados. É preciso mais ousadia, pois a inovação é a chave para superarmos nossas próprias limitações e sermos mais competitivos.

Nos últimos cinco anos, o Brasil obteve taxas modestas de crescimento econômico e, neste ano, o arrefecimento da demanda interna, acompanhado pela estagnação da produtividade e do aumento da pressão sobre o orçamento fiscal impõem novos obstáculos ao investimento em inovação das empresas e à retomada dos ganhos de competitividade.

Hoje, verifica-se que a participação da indústria de transformação no PIB decresce, de patamares de 19,2% em 2004 para 13,1% em 2013, no caso brasileiro. A produtividade industrial está estagnada e os custos industriais vêm se elevando ano a ano.

Em consequência, a confiança do empresário brasileiro se deteriora. O índice de confiança do empresário industrial, calculado pela CNI, em fevereiro, atingiu seu menor valor em 10 anos, sinalizando o momento difícil à realização de novos investimentos no País.

Como resultado, temos a perda de competitividade industrial, que nos mostra a carência de avanços nos últimos três anos. Desde 2012, ocupamos a 14ª posição em um grupo de 15 países selecionados pela CNI para análise. No ano de 2014, nos posicionamos atrás de países como Colômbia, México, Turquia e África do Sul.

Sabemos que, em situações de desaceleração da atividade econômica e de dificuldades para as empresas, a decisão de investimento tende a ser afetada, com a suspensão de projetos ou a postergação de etapas, em especial no caso dos investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Entretanto, a indústria só crescerá de forma plena e sustentável se a inovação, a ciência e a tecnologia estiverem presentes no cerne da estratégia de desenvolvimento nacional e, acima de tudo, no cerne da estratégia de cada empresa. A criação de conhecimento, o incremento da produtividade e o estímulo à inovação são fatores críticos para dinamizarmos e impulsionarmos a diferenciação de nosso País em um mercado global cada vez mais competitivo.

É exatamente neste momento de ajuste que se constroem as estratégias de futuro. É assim com as empresas e assim com os governos. Foi em 1999, um ano muito difícil, após a crise da Rússia que foram concebidos e desenhados os Fundos Setoriais, que até agora ainda são a base de recursos do FNDCT; foi em 2003, um ano de forte ajuste fiscal e contenção da inflação, que foi desenhada a PITCE e concebida a Lei do Bem.

O que faremos em 2015? Quais são nossos planos para o futuro. Agora é a hora de dizermos o que pretendemos fazer. Tanto internamente às nossas empresas, como em relação à política pública. Façamos juntos este exercício.

As políticas de estímulo à inovação devem ser prioridades estratégicas na atuação governamental, e devem se pautar pelo adensamento produtivo e tecnológico de cadeias de valor, com o objetivo de ganharmos produtividade e fortalecermos a competitividade empresarial brasileira.

O País deve buscar integrar instrumentos de promoção produtiva e apoiar investimentos em inovação, com instrumentos de estímulo ao comércio exterior e à internacionalização de empresas brasileiras, a fim de construir atributos competitivos capazes de viabilizar uma trajetória de crescimento sustentável e inclusivo, puxado pela inovação tecnológica brasileira.

Ainda estamos distantes de nossas metas de inovação. Em 2010, o dispêndio empresarial em P&D foi de apenas 0,59% do PIB. Em 2012, último dado disponível, o percentual foi de 0,56%, demonstrando que estamos longe de nossa meta de 0,90%.

O novo cenário econômico exige a adoção de uma postura diferenciada. Passa a ser imprescindível o desenvolvimento de uma política industrial com foco no longo prazo, que dê a devida relevância à inovação e que vá além do que nossos concorrentes já fazem, com o objetivo de compensar as condições adversas à competitividade, que caracterizam o ambiente macroeconômico brasileiro.

O Brasil reúne vantagens comparativas que lhe permitem retomar a trajetória de crescimento. Os desafios externos são conhecidos e exigem plena atenção governamental e empresarial. Entretanto, o potencial da nossa indústria, a determinação empresarial e governamental e o protagonismo de nossos cidadãos são elementos que nos fazem acreditar que é possível a superação de todos os obstáculos à inovação por que passamos.

Esses mesmos elementos indicam também a possibilidade de estabelecermos uma convergência nacional de esforços em torno dos propósitos de desenvolvimento e competitividade nacional, por meio do estímulo constante à inovação.

Em 2008, lançamos a Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI) que, desde então, vem dando contribuições substanciais ao aprimoramento das políticas e programas de estímulo à inovação no País. A MEI tem sido amplamente reconhecida como o principal espaço de diálogo entre o setor empresarial e o governo para a construção conjunta de políticas e programas de estímulo à inovação no Brasil.

Existe hoje um engajamento espontâneo e crescente das maiores lideranças empresariais brasileiras, que trazem contribuições fundamentais no caminho da inovação. A MEI é uma inspiração para a construção e a consolidação da agenda de inovação no âmbito nacional e tem favorecido o protagonismo empresarial, apoiando a difusão da inovação nas empresas e em seus fornecedores.

É necessário consolidarmos um diálogo e estreitarmos as parcerias para alcançarmos resultados concretos para a consolidação de um ecossistema de inovação brasileiro robusto:

- A **modernização de nosso marco legal** de inovação;
- O **aprimoramento do sistema de financiamento** para dar sustentabilidade e estímulo aos projetos empresariais inovadores e de alto risco tecnológico;
- O **aperfeiçoamento da coordenação entre os entes do governo**, em prol do estabelecimento de um ecossistema de inovação para aumentarmos a atração de investimentos externos focados na inovação e no desenvolvimento de novos produtos;
- O **aprimoramento de políticas que estimulem e facilitem a internacionalização de empresas brasileiras**, com vistas ao aumento da transferência e absorção de novas tecnologias para induzir ganhos de competitividade;
- A **simplificação e o estímulo ao acesso à biodiversidade e ao conhecimento tradicional** para potencializar a inovação e ampliar a competitividade da economia, por meio do uso dessa vantagem comparativa brasileira;
- O apoio à **inovação nas micro e pequenas empresas de base tecnológica**, fundamentais para o estímulo ao empreendedorismo e à criação de ideias inovadoras com elevado potencial disruptivo;
- A garantia da **disponibilidade de recursos humanos qualificados**, em especial os profissionais das áreas de engenharia e ciências exatas, para executar, coordenar, gerir e liderar a inovação nas empresas e nas instituições de apoio à inovação.

A capacidade de inovação das empresas brasileiras é determinante para o desenvolvimento econômico, social e ambiental do Brasil. Inovação é condição inequívoca para as empresas competirem nos mercados globais, gerando ganhos significativos de produtividade, criando empregos de qualidade, ampliando a renda, de maneira sustentável, fortalecendo a indústria e melhorando a qualidade de vida de nossa população.

Para obtermos sucesso e prosperidade, hoje e no futuro, é fundamental que os setores privado e público, juntamente com a academia brasileira, trabalhem de maneira articulada, para o fortalecimento da inovação empresarial no País.

A atuação do governo é fundamental para a criação uma base normativa que venha a propiciar a formulação de políticas de ciência, tecnologia e inovação. As políticas deverão ser capazes de responder aos enormes desafios que temos à evolução do ecossistema de inovação no País em consonância ao mercado global.

Dispor de adequada infraestrutura tecnológica e de centros de conhecimento, com capacidade de transformar pesquisas em resultados é imprescindível para o sucesso da indústria nos próximos anos e, nesse sentido, a continuidade dos investimentos e a perenidade das fontes de recursos ao estímulo e fortalecimento da ciência, tecnologia e inovação é diferencial estratégico que o País deve buscar.

A inovação é o elemento-chave para alavancarmos os investimentos e os resultados do desenvolvimento científico e tecnológico no País. A inovação é o atalho para a superação dos obstáculos ao desenvolvimento do Brasil.

Assim, convoco todos os líderes empresariais e suas equipes, a retificarem o compromisso com a inovação, por meio de atitudes ousadas e assumindo os riscos necessários.

Convoco os representantes da academia e dos institutos de pesquisa a se aproximarem cada vez mais da indústria, com o objetivo de desenvolvermos profissionais qualificados para resolução de desafios de mercado.

Convoco, também, as autoridades e executivos do governo a desenvolver políticas que estimulem cada vez mais a inovação empresarial.

**VAMOS FAZER JUNTOS: EMPRESAS, ACADEMIA e GOVERNO. INOVAR É FAZER!**